

**BOLETIM DE BIBLIOGRAFIAS  
SELECIONADAS  
VOLUME IX**

**DECOLONIALIDADE:  
PERSPECTIVAS  
DIVERSAS**

BRASÍLIA - 2023

Biblioteca do  
Senado Federal



SENADO  
FEDERAL



BOLETIM DE BIBLIOGRAFIAS SELECIONADAS  
VOLUME IX

# **DECOLONIALIDADE: PERSPECTIVAS DIVERSAS**

BRASÍLIA - 2023

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

SENADO FEDERAL

## BOLETIM DE BIBLIOGRAFIAS SELECIONADAS

Coordenação: Biblioteca do Senado Federal

Comissão editorial: Stella Maria Vaz Santos Valadares, Cíntia Mara M. F. da Costa, Cláudia Coimbra Diniz.

Volume 9 - DECOLONIALIDADE: PERSPECTIVAS DIVERSAS

Decolonialidade : perspectivas diversas – Brasília : Senado Federal, Biblioteca, 2023.

9 p. : il., gravs. – (Boletim de bibliografias selecionadas ; v. 9)

1. Ação social, bibliografia. 2. Problemas sociais, bibliografia.  
3. Aculturação, crítica, bibliografia. I. Brasil. Congresso Nacional. Senado Federal. Coordenação de Biblioteca. II. Série.

CDD 361.25016

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Coimbra Diniz CRB1 1179

Senado Federal

Praça do Três Poderes s/nº

Brasília DF

CEP 70165-900

## APRESENTAÇÃO

A Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho coloca à disposição do Senado Federal e da sociedade o "BOLETIM DE BIBLIOGRAFIAS SELECIONADAS – DECOLONIALIDADE: PERSPECTIVAS DIVERSAS". Este boletim não tem o intuito de ser exaustivo, e sim dar um panorama inicial para incentivar a leitura sobre a perspectiva decolonial.

Foram selecionados alguns dos livros do acervo da Biblioteca do Senado Federal. Ao final do boletim, há um link para as referências bibliográficas de livros e artigos disponíveis nas bibliotecas da Rede Virtual de Bibliotecas (RVBI), coordenada pela Biblioteca do Senado Federal. Todo o material citado poderá ser acessado nas bibliotecas da RVBI.

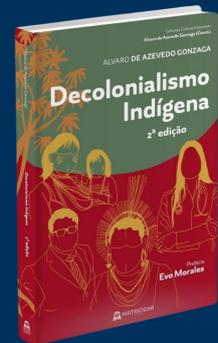
O boletim está inserido no Plano de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal, edição 2021-2023, além de ser uma publicação alinhada com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), conforme agenda das Nações Unidas para o Desenvolvimento, no sentido que proporciona reflexão e conhecimento sobre os efeitos da colonização, entendida como uma imposição unilateral de determinadas produções culturais, políticas e econômicas dos colonizadores que se tornaram hegemônicas. Assim, as linhas desse pensamento têm como objetivo criar formas possíveis e alternativas de viver que viabilizassem o fim de opressões sociais de gênero, classe e/ou raça, que foram sustentadas e expandidas com os processos de colonização.

Brasília, Abril de 2023

Biblioteca do Senado Federal  
Comitê Permanente pela Promoção da Equidade de Gênero e Raça

1. GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena**. 2 ed. São Paulo: Matrioska, 2022. 170 p., il. Localização: 980.41 G642 DIN 2.ED.

“Tanto Decolonizadores como Descolonizadores escreveram a história com tinta vermelha: Aqueles com a tinta vermelha do urucum, já estes com a tinta vermelha do sangue indígena.”, ressalta o autor. O livro divide-se em 7 mitos que foram construídos pelos colonizadores e precisam ser desmentidos ou decolonizados. Com uma linguagem cuidadosa, mas leve, o autor busca aproximar o leitor desse tema que merece atenção, afinal nossa história é muito anterior a 1500.



2. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 368 p. Localização: 306.096 D296 DPA 2.ED.



Constitui-se em um esforço de construção de um diálogo horizontal entre teóricos(as) decoloniais, feministas negras, intelectuais/ativistas antirracistas e negros(as). Adotando uma noção ampla de decolonialidade, reconhecemos o posicionamento decolonial nos processos de resistência e reexistência das populações afrodiaspóricas brasileira, caribenha, norte-americana e africana. Uma das pretensões deste livro é se tornar uma plataforma aberta ao debate, inspirando e recebendo as contribuições da nova geração de estudantes negros(as) que estão colorindo as universidades brasileiras, que, até bem pouco tempo atrás, eram quase completamente brancas.

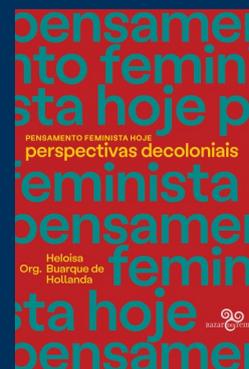
3. VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. 1. reimpressão. São Paulo: Ubu, 2020. 144 p. Localização: 396 VERGE-F FEMIN REIMPR (CAM)

Françoise Vergès lança mão de uma terminologia nova para descortinar a realidade das mulheres “racializadas”, empregadas domésticas e faxineiras provenientes dos países do “Sul global”, que limpam o mundo. Ela reivindica “um feminismo decolonial”, aberto a questionamentos, análises e mudanças, mas radicalmente antirracista, anticapitalista e anti-imperialista. “Decolonial”, um neologismo já consolidado no debate francês, se refere à necessidade de denunciar e tornar visível o que permanece vigente, porém negado, da estrutura colonial nas sociedades pós-coloniais.



4. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1. reimpressão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 384 p., il. Localização: 396 PENSA-FH PENSA REIMPR. (CAM)

Como reação ao processo de colonização – histórico e intelectual – o pensamento decolonial irrompe o cenário do feminismo com novas teorias e novos questionamentos sobre o problema do gênero, raça, classe e da própria epistemologia. Para apresentar um panorama do pensamento decolonial feminista, o livro reúne trabalhos de 22 autoras que dimensionam essa fundamental contribuição para o debate atual, apresentando pensadoras pioneiras.



5. GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 5. impressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 375 p. Localização: 396(81=96) GONZA-L PORUM 5. REIMPR. (CAM)



Com organização de Flavia Rios e Márcia Lima, reúne em um só volume um panorama amplo da obra desta pensadora tão múltipla quanto engajada. São textos produzidos durante um período efervescente que compreende quase duas décadas de história — de 1979 a 1994 — e que marca os anseios democráticos do Brasil e de outros países da América Latina e do Caribe. Lélia Gonzalez transitava da filosofia às ciências sociais, da psicanálise ao samba e aos terreiros de candomblé. Deu voz ao pretuguês, cunhou a categoria de amefricanidade, universalizou-se. Tornou-se um ícone para o feminismo negro.

6. OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. 2. reimpressão. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. 323 p. Localização: 305.48896333 O98PN IDM 2. REIMPR.

O livro oferece uma nova maneira de compreender o papel social da mulher a partir de referências africanas, especificamente da cultura iorubá. A pesquisa, resultado de sua tese de doutorado, revela como a ideologia do determinismo biológico está no cerne das categorias sociais ocidentais – a ideia de que a biologia fornece a base lógica para organizar o mundo social. Em oposição, a autora mostra como conceitos baseados no corpo não eram centrais na organização das sociedades iorubás antes da colonização. Dessa maneira, sua análise acaba por destacar a natureza contraditória de dois pressupostos fundamentais da teoria feminista: que o gênero é socialmente construído e que a subordinação das mulheres é universal.



7. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa. 5. reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2021. 174 p. Localização: 305.30954 S761PA PSF 5.REIMPR.



Ao refletir sobre a história das mulheres indianas e da imolação das viúvas, Spivak aborda o lugar ocupado pelas mulheres no contexto pós-colonial. A autora relata a história de uma jovem indiana que não pode se representar fora do contexto patriarcal e pós-colonial. Com esse exemplo, Spivak argumenta que o subalterno, nesse caso, a mulher, não pode falar e, quando tenta fazê-lo, não encontra meios para se fazer ouvir.

8. LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI.** Tradução Diego Silveira. São Paulo: Boitempo, 2020. 208 p. Localização: 327.73 L881PS CLA

Coletânea organizada pelo historiador Jones Manoel, traz ao leitor 12 intervenções do renomado estudioso, entre artigos, transcrições de palestras e entrevistas. Tendo como conceitos centrais os temas do imperialismo, do racismo e da dominação colonial, a obra apresenta uma compreensão estratégica da luta de classes internacional durante o século XX e sua continuidade no século XXI. Propõe um vínculo claro entre capitalismo e colonialismo, e também entre marxismo e luta anticolonial e anti-imperialista, de uma perspectiva histórica e militante. O texto é muito instrutivo sobre a relação entre o surgimento do movimento comunista e o combate à dominação colonial e racial no mundo.



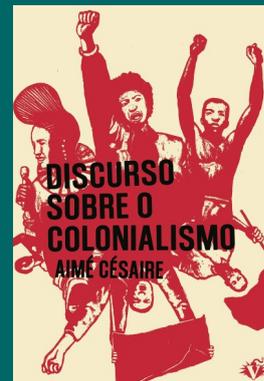
9. SEGATO, Rita Laura. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda.** Tradução Danú Gontijo e Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 345 p., il. (Coleção Rita Segato, 1) Localização: 572 SEGAT-R CRITI (CAM)



Os textos reunidos neste livro resultam da interseção de duas posições teórico-políticas: a perspectiva crítica da colonialidade do poder e uma prática disciplinar que a autora denomina antropologia por demanda, pressupondo uma inversão do próprio trabalho etnográfico, que passa a se colocar a serviço das "demandas" de comunidades e povos, seus objetos de estudo. Rita Segato, uma das intelectuais e feministas mais influentes da contemporaneidade, constrói um sólido repertório conceitual abordando questões urgentes de nosso tempo, como as hierarquias de gênero e de raça agravadas pelo processo da colonial-modernidade, a universalidade dos direitos humanos, a violência contra as mulheres. Costurando todos estes ensaios está um projeto histórico alternativo, de valores próprios e intencionalmente disfuncional ao capitalismo.

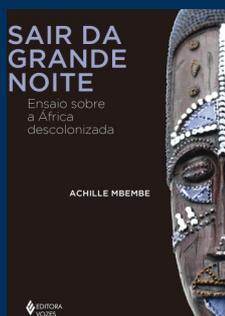
10. CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020. 132 p., il. Localização: 325.3 C421PW DSC

**R**acismo, fascismo, colonialismo e Aimé Césaire, o criador da palavra negritude. Este livro é uma declaração de guerra. Guerra ao racismo, ao colonialismo e à pomposa hipocrisia de intelectuais e políticos a serviço do capitalismo. Escrito por um pensador político que foi ao mesmo tempo um dos maiores poetas da língua francesa no século XX, é um monumento de elegância, ironia e fúria em forma de texto. Uma obra fundamental, urgente para nossos tempos, numa edição ilustrada por Marcelo D'Saete e traduzida por Claudio Willer. Com notas explicativas e uma cronologia da vida, obra e combates de Aimé Césaire.



11. MBEMBE, Joseph-Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Editora Vozes, 2019, 260 p. (Coleção África e africanos) Localização: 325.3096 M478PR SDG

**H**á meio século, a maioria da humanidade vivia sob o jugo colonial, uma forma particularmente primitiva de dominação da raça. Sua libertação constitui um momento-chave da história de nossa modernidade. Que esse evento quase não tenha deixado sua marca no espírito filosófico de nosso tempo não é lá um grande enigma. Nem todos os crimes engendram necessariamente coisas sagradas. Alguns crimes da história resultaram apenas em máculas e profanações, na esterilidade esplêndida de uma existência atrofiada – em suma, na impossibilidade de “fazer comunidade” e de retilhar os caminhos da humanidade. Será que podemos dizer que a colonização foi justamente o espetáculo por excelência da comunidade impossível – uma convulsão tetânica e ao mesmo tempo um sibilo inútil? O presente ensaio lida apenas indiretamente com essa questão, cuja história completa e detalhada ainda espera ser escrita.

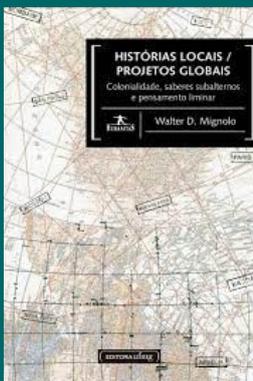


12. CANÊDO, Letícia Bicalho. **A descolonização da Ásia e da África**. São Paulo: Atual: Universidade Estadual de Campinas, 1998. 99 p. Localização: 325.6 C221 DAA 12.ED.

**A** descolonização foi um processo de libertação nacional ou simples troca de exploradores? Quais as diferenças entre os movimentos nacionalistas africanos e asiáticos? Dinâmico e atualizado, este livro é essencial para a compreensão do subdesenvolvimento do Terceiro Mundo.



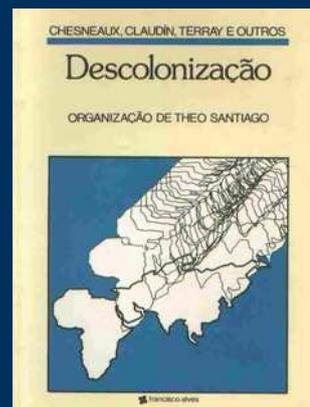
13. MIGNOLO, Walter. **Histórias locais - projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 505 p. (Humanitas) Localização: 901 M636PO HLO



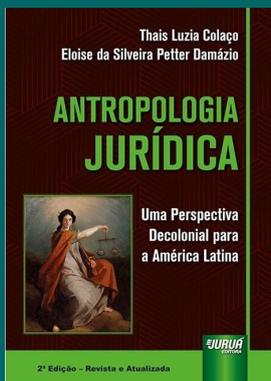
Ao focalizar a subalternização de saberes desqualificados pelos processos de colonização, este livro preenche uma lacuna que já se fazia notar entre os trabalhos indispensáveis ao acompanhamento dos estudos culturais e pós-coloniais, em seus desdobramentos recentes. As afinidades entre o autor, pesquisador argentino residente nos EUA, e outros teóricos da América Latina são uma razão a mais para recomendar o texto ao leitor de obras decoloniais

14. SANTIAGO, Theo (org.). **Descolonização**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 197 p. Localização: 325.3 D448PG DES

Coletânea de textos sobre a política socialista em relação à questão colonial, os movimentos do Sudeste Asiático, as revoluções coloniais e minorias étnicas: negros e judeus.



15. COLAÇO, Thais Luzia; DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. **Antropologia jurídica**: uma perspectiva decolonial para a América Latina 2. ed., rev. e atual. Curitiba : Juruá, 2018. 159 p. Localização: 340.2 C683 AJP 2.ED.



Este livro propõe uma perspectiva decolonial para a antropologia jurídica na América Latina. Questiona o colonialismo e a constituição de um pretense saber jurídico e universal europeu, que surge a partir do ponto zero do conhecimento que promove a subalternização dos saberes locais, o discurso moderno dos direitos dos colonizados e dos iluministas que refletiam sobre a evolução, o estado de natureza e o direito ocidental. Aborda a origem colonialista da antropologia com a discussão de raça e cultura, do “direito ocidental” universal e do “direito primitivo” local.

16. FERNIDAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu, 2022. 320 p., fotografias, p&b. Localização: 577.5 F347PM ECC

“Nesta análise Ferdinand critica o que chama de ‘dupla fratura colonial e ambiental da modernidade’, de que resultam, por um lado, as teorias ecologistas que desconsideram o legado do colonialismo e da escravidão; por outro, os movimentos sociais e antirracistas que negligenciam a questão animal e ambiental. Escolhe como centro de seu pensamento as regiões caribenhas, com seus modos de vida crioulos e suas formas de resistência. Com um prefácio de Angela Davis, esta obra oferece uma aproximação para pensar um navio-mundo que não mais atire algumas pessoas no porão, condenando-as a uma sobrevivência precária sujeita a doenças, fome e morte, enquanto oferece a outras a perspectiva de uma viagem segura e lucrativa no convés, possibilitada justamente pelo assujeitamento daqueles no porão.”



17. FREITAS, Raquel Coelho de (Org.). **Decolonização de conceitos sociojurídicos**. Fortaleza: Editora Mucuripe, 2022. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=po-cEAAAQBAJ&lpg=PR12&dq=%22DECOLONIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20CONCEITOS%20SOCIOJUR%C3%8DDICOS%22&hl=pt-BR&pg=PR2#v=onepage&q=%22DECOLONIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20CONCEITOS%20SOCIOJUR%C3%8DDICOS%22&f=false>.



A coletânea apresenta 27 conceitos analisados na perspectiva decolonial por professores e pesquisadores do direito e outras áreas afins, de várias instituições de estudos superiores do Brasil. Análise crítica e decolonial de conceitos que foram sendo elaborados em outros ambientes culturais, outras territorialidades, outras experiências e visões de mundo, e chegaram até nós sem se adequarem à nossa realidade social, à luta dos grupos sociais mais vulneráveis, ou mesmo a uma racionalidade jurídica mais apropriada.

Consulte outras obras no catálogo da Rede Virtual de Bibliotecas (RVBI):  
[bit.ly/decolonialidade\\_RVBI](http://bit.ly/decolonialidade_RVBI)